

Hércules Florence, um sopro de arte

DAYZ PEIXOTO FONSECA

Esta é uma breve história do francês Hércules Florence.

Era um artista que desenhava com rapidez e precisão, e escrevia muito bem. Pelos conhecimentos que tinha de viagens e por sua cultura geral, é de se acreditar que tenha conquistado a confiança do Barão de Langsdorff já na primeira entrevista. Assim, um ano após ter chegado ao Rio de Janeiro, o jovem com seus 20 anos embarcava como segundo desenhista na Expedição Langsdorff, patrocinada pelo Czar da Rússia. Era 1825.

Já que se tratava de uma expedição científica, o Barão escolheu de última hora o caminho dos rios, por ser menos conhecido de outros exploradores. Sentia o cheiro de novos conhecimentos no ar! E quis o destino que Hércules Florence fosse parar em Porto Feliz, junto ao Rio Tietê, para os preparativos da viagem.

Lá, foi hóspede de Dr. Francisco Álvares Machado, talvez o cidadão mais importante do lugar. Era médico, cirurgião, político e portador de uma profunda cultura clássica para a época. No que se entenderam muito bem. O médico soube reconhecer nele um jovem de bem e apresentou-o à sua filha, Maria Angélica. E não é que os dois se apaixonaram e, ao retorno da expedição, se casaram?!

O casamento realizou-se na Igreja da Sé, em São Paulo, em janeiro de 1830. E o jovem e romântico casal rumou para a Vila de São Carlos (atual Campinas) para fixar sua morada. A Vila era uma cidadezinha rodeada de fazendas de cana-de-açúcar. A grande quantidade de alambiques na região deixava um doce aroma de aguardente no ar. Hércules admirava as fazendas e gostava de desenhá-las.

Enquanto Maria Angélica cuidava dos 13 filhos que tiveram, o marido trabalhava em suas invenções. Para mostrar os registros de sua viagem, inventou a Poligrafia, um aparelho de fazer cópias. Mal comparando, uma espécie de “xerox” de nossos dias.

Certo dia de 1836, Hércules foi ao Rio de Janeiro e comprou uma tipografia. Através dela pôde compor textos mais extensos, cartas pastorais para a Igreja e anúncios. Uma das impressões mais importantes dessa tipografia foi a do histórico jornal O Paulista, em 1842, editado com o Padre Diogo Feijó. Entretanto, com o passar do tempo, Hércules achou que a composição letra a letra era muito lenta. Cheio de engenhosidade, uniu as

consoantes às vogais, criando os chamados tipos-sílabas, o que agilizava seu trabalho.

Hércules sempre se ocupava. Quando não com os aparelhos e a pintura, escrevia. Registrou em cadernos as informações que colhera na Expedição Langsdorff. Sobre as invenções, descreveu-as com minúcias. E ainda textos, poemas, reflexões, ensaios e cartas.

Maria Angélica faleceu em 1850 e praticamente aí se encerrou o ciclo de invenções de Hércules. Dentre elas, a mais famosa — a fotografia. A data dessa invenção foi bem registrada por ele: 1832. Todos os apontamentos e experimentos ficaram anos no aguardo de algum investidor para a produção comercial. Ninguém surgiu. Até que sete anos depois, seu compatriota Daguerre patenteou a daguerreotipia, invento muito semelhante ao seu. Muito desgostoso por não ter conseguido patentear sua fotografia, Hércules optou por não mais tocar no assunto. Passou, então, a se dedicar especialmente à poligrafia. Aperfeiçoou-a de tal forma que a fez reproduzir cópias em cores com perfeição. Assim, com recursos técnicos da poligrafia, ele inventou o Papel Inimitável, criando um fundo nas páginas, para evitar falsificação nas impressões de valores.

Essas são umas das histórias de Hércules Florence, de formação urbana européia, que veio morar na província ruralista brasileira. Desejava ser útil à sociedade com suas invenções, mas o Brasil não soube compreendê-lo.

Em 1854, Hércules casou-se com Carolina Krug, imigrante alemã e professora formada na Europa. Tiveram 7 filhos. Ambos fundaram em 1863 o Colégio Florence, uma escola feminina, com o propósito de oferecer uma educação de qualidade para as moças da cidade e região. O Colégio foi para Hércules Florence seu último refúgio. Nele dava aulas, enquanto cuidava de sua administração. E de perto, acompanhava o dia-a-dia da esposa e a educação dos filhos. Sentia-se estrangeiro em exílio voluntário, mas gostava da pátria de seus filhos. E trabalhava com afincio.

Célebre em vida, seu falecimento no dia 27 de março de 1879 foi um acontecimento de grande comoção entre os moradores de Campinas. Que, no meio século que se passara, havia se transformado em uma das grandes cidades do país.

Dayz Peixoto Fonseca é pesquisadora cultural e escritora.

Publicado no jornal Correio Popular, Campinas, SP – Página 3 - Opinião - 27 de março de 2009